

“ELAS PODEM”: A MÚSICA E DIZERES DA BANDA BAIANA DE PUNK ROCK FEMININA E FEMINISTA ENDOMETRIOSE

Patrícia Matos de Almeida¹

Resumo

Este artigo pretende apresentar, dentro do espaço delimitado, a história da banda de *punk rock/ hardcore* feminina e feminista, *Endometriose*, que existiu entre os anos de 2006 a 2011 na cidade de Feira de Santana, Bahia. Posteriormente, elaboraremos um exercício de reflexão historiográfico através de uma de suas canções com cunho feminista: *Elas Podem*. Dessa maneira, objetivamos apresentar uma contextualização sobre a banda feirense e analisar a canção *Elas podem* por meio do olhar acerca de sua letra e melodia atentando-se para as problemáticas levantadas pela compositora, Ilani Silva, idealizadora e contrabaixista da *Endometriose*. É importante evidenciar que visamos explorar as possibilidades da música enquanto fonte histórica por meio de um debate atravessado pela discussão de gênero.

Palavras-chave: Feminismo. Rock. Gênero. Feira de Santana.

Recebido em 10 de maio de 2019 e aprovado para publicação em 26 de janeiro de 2021

¹ Mestra em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Correio eletrônico: patricia.matos.almeida@gmail.com.

Introdução

O movimento feminista se fortaleceu ao longo do século XX, ocupou diversos espaços e utilizou diferentes linguagens para buscar o fim da desigualdade de gênero na sociedade. Isto ocorreu possivelmente porque tais relações de poder se encontram estruturadas de maneira aprofundada o que faz com que a dominação masculina² seja notada em muitos aspectos, inclusive, no campo musical e, no nosso caso em específico, no rock. Não por acaso, em uma cidade do interior da Bahia, em Feira de Santana, existiu uma banda de *punk rock* feminina e feminista, entre os anos de 2006 a 2011, chamada Endometriose.

Assim, nosso estudo objetiva refletir a respeito da letra e melodia de uma música autoral desta banda, *Elas podem*, assinada por Ilani Silva, a contrabaixista do grupo. Desejamos, então, perceber as possibilidades provocadas pela música em uma pesquisa historiográfica. É importante salientar que este artigo é fruto da minha dissertação de mestrado que analisa, em uma perspectiva de gênero, a participação de tal grupo no cenário roqueiro local, bem como as trajetórias de cada integrante e sua relação com outras bandas e público. Assim, nossa discussão perpassa pelas relações entre história, música e gênero em um recorte temporal recente.

Nesse contexto, inicialmente, faremos uma breve contextualização a respeito da história da respectiva banda para que o leitor e leitora tenham acesso à algumas informações sobre sua trajetória dentro dos limites de um artigo. Posteriormente, nos debruçaremos sobre a música a ser analisada aqui, *Elas Podem*, de autoria da contrabaixista Ilani Silva.

Algumas questões sobre conflitos de gênero no rock e a banda Endometriose

A banda Endometriose surgiu na cidade baiana de Feira de Santana, localizada aproximadamente a 108 km da capital Salvador, em meados dos anos 2000 e encerrou suas atividades em 2011, como já foi dito. Segundo as fontes historiográficas³ que tivemos acesso, este foi o único grupo roqueiro formado apenas por mulheres e com identidade feminista que existiu na cidade. Este fator possivelmente é um reflexo do quão masculino é o palco de rock uma vez que, em geral, as mulheres ocupam mais o espaço enquanto público e, incipientemente, o de instrumentistas neste gênero. Comumente, quando

² A nossa referência para o uso do conceito “dominação masculina” diz respeito a seguinte obra: BOUDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helena Kühner. 12ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

³ Tais fontes formaram a documentação historiográfica trabalhada na minha monografia de conclusão de curso e dissertação de mestrado.

participam de uma banda, aparecem como vocalistas e, poucas vezes, como responsáveis por um instrumento musical, especialmente, quando este se refere à uma guitarra ou bateria, por exemplo⁴.

Isto possivelmente ocorreu e ainda ocorre – haja vista que o número de instrumentistas homens ainda é expressivamente superior ao de mulheres – porque ao universo do rock, são atribuídas características historicamente associadas ao universo masculino, tais como força e agressividade. Dessa maneira, em geral, as garotas são pouco incentivadas a tocar algum instrumento musical que remeta a tais valores.

Ferreira (2008)⁵ lembra que aqueles instrumentos que remetem a uma noção de suavidade, como o piano ou violão, são mais bem aceitos e até mesmo incentivados na educação feminina, inclusive, como forma de normatização do seu comportamento. O que não ocorre com uma guitarra, contrabaixo ou bateria uma vez que estes – que são os principais elementos de uma banda de rock – são associados a comportamentos que fogem a uma pretensa feminilidade esperada das mulheres. Assim, Gomes e Mello (2007) reforçam dizendo que:

Atribuições como potência, força, ‘pegada forte’, resistência física e poder são características presentes no rock que são mais comumente ligadas ao ideal da masculinidade, enquanto que sensibilidade, suavidade, afetividade, são características associadas ao feminino, as quais não são bem assimiladas neste gênero musical.⁶

Com o advento do rock em meados do século XX, o processo de inserção desta musicalidade ao mundo feminino vem sendo incorporado através da resistência por parte de mulheres já que a própria noção de feminilidade tem sido resignificada ao longo das últimas décadas através dos movimentos feministas. Um dos responsáveis por esta ampliação da participação feminina no rock foi o movimento de cultura juvenil *Riot Grrrl* que se fortaleceu no início de 1990 nos Estados Unidos através de inquietações de jovens mulheres a respeito do machismo vivenciado especialmente no segmento *punk rock*⁷.

Este movimento influenciou garotas em outras partes do mundo, como no Brasil, a formarem suas bandas e denunciarem os conflitos de gênero na sociedade por meio de sua

⁴ FERREIRA, Cíntia Costa. **Mulheres e Rock’ n’ Roll**: um estudo de caso de três bandas baianas. 201 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

⁵ Idem.

⁶ GOMES, Rodrigo Cantos Savelli; MELLO, Maria Ignez Cruz. **Relações de gênero e a música popular brasileira**: um estudo sobre as bandas femininas. 2007. Disponível em: <http://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2007/etnomusicologia/etnom_RCSGomes_MICMello.pdf>. Acesso em: 03/08/2018, p. 6.

⁷ RIBEIRO, Jéssyka K. A.; COSTA, Jussara C.; SANTIAGO, Idalina M. F. L. Um jeito diferente e “novo” de ser feminista: em cena, o RiotGrrrl. **Revista Ártemis**, Edição v. 13, jan./jul. 2012, p. 222 – 240.

música. Um dos grupos brasileiros formados por esta influência, foi a paulistana *Dominatrix* que surgiu em 1995 e atua até hoje. Ela tem como líder a guitarrista e vocalista Elisa Gargiulo. Trouxemos estas informações, pois elas são necessárias para compreender a história da banda Endometriose, objeto de nosso estudo, bem como o processo de apropriação do feminismo por parte de suas integrantes. Isto porque elas disseram que sua maior referência feminista foi Elisa Gargiulo não apenas por conta de suas canções, mas de seu ativismo que se revelava e se revela também fora dos palcos⁸.

Nesse sentido, o grupo feirense teve duas formações. Na primeira, Ilani, nascida em 1987, assumia o contrabaixo, Juliete, nascida em 1989, ficou à frente da bateria e Gabriela, nascida em 1992, era responsável pela guitarra e vocais. Esta fase, apesar de ter durado pouco mais de um ano, foi o período de composição da identidade do grupo e construção de suas seis canções no qual todas as letras foram assinadas por Ilani e a musicalidade por ela e Gabriela. A segunda formação foi gerada pela saída de Gabriela onde Adriana, nascida em 1987, assumiu os vocais e Amanda, nascida em 1992, a guitarra.

Como é possível perceber, no período de composição da banda, as integrantes eram muito jovens. Gabriela chegou a dizer que um dos motivos de sua saída foi pela preocupação de sua mãe com a presença da filha em shows que, em geral, aconteciam a noite e em locais que forneciam bebidas e outros artigos que eram parte do mundo adulto. Em nossa análise, utilizamos o conceito de “condição juvenil” usado por Juarez Dayrell (2007) para refletir sobre as histórias das cinco integrantes da banda Endometriose no período de sua constituição. O autor explica que a condição juvenil:

Refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico-geracional, mas também à sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às suas diferenças sociais – classe, gênero, etnia, etc.⁹

Assim, a noção de juventude é histórica uma vez que é fruto de um olhar que a sociedade incide sobre ela. Além disso, é preciso lembrar que os jovens são diversos e não cabem em uma homogeneização como muitos estudos, durante muito tempo, tentaram enquadrar. O estudo sobre eles precisam levar em consideração recortes sociais importantes, como bem apontou o autor.

Quando pensou a relação entre cultura jovem e música, por exemplo, Marcelo Pinto (2015) frisou que “a ideia de uma cultura jovem, na qual a música se insere, remete a

⁸ Para saber mais sobre a atuação de Elisa Gargiulo na luta pela igualdade de gênero, ver: < <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/o-que-faremos-do-que-fizeram-da-gente>>. Acesso em 11/04/2019.

⁹ DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 100 – Especial, p. 1105 – 1128, out. 2007, p. 1108.

um conjunto de valores, crenças, símbolos e práticas, baseadas numa experiência social compartilhada”¹⁰ onde tal experiência possibilita uma distinção entre o mundo infantil e adulto e, portanto, se revela enquanto uma conjuntura que marca uma fase da vida chamada de juventude.

A respeito da banda Endometriose, Ilani Silva foi a idealizadora do grupo e assinou as letras das seis canções autorais de cunho feminista. As melodias foram elaboradas em conjunto com Gabriela e Juliete durante sua primeira fase. É interessante notar que todas as outras garotas¹¹ dedicam à Ilani uma certa autoridade para falar a respeito da identidade da banda, assim como à sua ideologia. Isto ocorreu possivelmente porque foi ela quem idealizou o grupo e escreveu suas canções.

Ao que parece, seu interesse pelo feminismo ocorreu de maneira intensa em sua adolescência que, com o auxílio de suas parceiras de banda, cristalizou-se em forma de música, especificamente através do gênero *punk rock*. O interesse pelas causas do movimento feminista parece continuar presente em sua vida, pois nas duas entrevistas concedidas para esta pesquisa, Ilani – assim como as outras integrantes – continuou a demonstrar desejo pela igualdade de gênero ainda que, atualmente, não façam parte de outra banda feminista ou militem diretamente em algum coletivo.

Com relação à primeira formação, encontramos apenas um registro em formato de vídeo que parece datar o ano de 2007. Tal dificuldade em encontrar imagens com relação a este período, corrobora o fato de Gabriela ter ficado pouco tempo na banda quando começaram a participar de mais eventos dentro e fora da cidade. A imagem a seguir é uma fotografia do vídeo em questão que trata de uma apresentação realizada em área externa, aparentemente, próxima à um bar. A gravação está em baixa qualidade, mas é possível notar que parece ter sido uma das primeiras apresentações de Ilani, Juliete e Gabriela enquanto grupo, pois havia um certo olhar e trejeitos de quem ainda estava experimentando um novo espaço e uma nova atividade:

¹⁰ PINTO, Marcelo Garson Braule. **Jovem Guarda: a construção social da juventude na indústria cultural.** Tese em Sociologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

¹¹ Ainda que hoje, todas estejam na fase adulta, é inevitável usar expressões que tragam elementos associados a juventude pois é dessa forma que uma se refere à outra nas entrevistas concedidas para esta pesquisa.

Imagem 1



Da esquerda para a direita: Gabriela na guitarra, Juliete na bateria e Ilani no contrabaixo¹².

Com relação à segunda formação, foi possível encontrar registros em muitas redes sociais criadas no período posterior à saída de Gabriela. Ao que parece, a Endometriose não poupou esforços em utilizar as ferramentas virtuais ao seu favor para a divulgação de seu trabalho, pois a maior parte de nossa documentação foi coletada de tais plataformas usadas pelo grupo. Entre elas, estão o “Palco MP3”, “My Space”, “Fotolog”, “Flickr”.

Nestas páginas, “é possível formar comunidades, estabelecer amizades virtuais, alimentar nuvens de *tags*, em suma, formular identidades coletivas e individuais através da música e de conteúdos radiofônicos, que formam o elemento-chave de indexação na rede”¹³. A respeito das fases da Endometriose, a segunda parece ter sido a tentativa de consolidação do grupo enquanto banda compromissada com sua identidade, agenda de shows e diálogo com festivais dentro e fora da cidade.

A imagem 2 a seguir corresponde à sua segunda formação e é possível notar o uso de camisetas correspondentes ao nome do grupo que veio acima de um dos símbolos do movimento feminista: o punho cerrado inserido em uma ilustração do sexo feminino a partir da concepção biológica. É importante ressaltar que não apenas esta imagem, usada na vestimenta em questão, marcava visualmente a banda enquanto conjunto feminista. O seu nome também queria informar sobre tal identidade.

Isto porque as integrantes disseram que tal nomenclatura referente à uma doença que acomete somente mulheres, foi uma metáfora que propunha uma alusão sobre a dor social que também as acomete diariamente. A imagem a seguir, como dissemos, é uma fotografia da segunda formação e parece ter sido trabalhada enquanto registro de divulgação do grupo, pois foi publicada em uma das redes sociais utilizadas por elas para

¹² Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=P4u9IPGWSRU&feature=youtu.be>>. Acesso em 11-04-2019.

¹³ KISCHINHEVSKY, Marcelo; HERSCHMANN, Micael. A reconfiguração da indústria da música. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação: **E-compós**, Brasília, v. 14, n. 1, jan./abr. 2011, p. 8.

promover o seu trabalho e onde, também, retiramos a canção a ser analisada aqui. Então, foi uma imagem pensada e elaborada no sentido de apresentação da banda para o público:

Imagem 2



Da esquerda para a direita: Ilani, Adriana, Juliete e Amanda¹⁴.

Não foi possível datar a fotografia. Porém, possivelmente, foi um registro de quando a banda estava em constante atividade haja vista que em muitas imagens de shows, as integrantes estavam usando esta mesma camiseta. O uso de tal vestimenta, que destacava o nome do grupo, era uma ferramenta de construção de uma identidade visual comumente utilizada por bandas, especialmente, as de rock.

Este texto, dada suas limitações, não nos permite aprofundar nos contextos sociais de cada uma das integrantes da Endometriose. Entretanto, é possível afirmar a partir das entrevistas elaboradas com elas, que, no geral, não tiveram grandes dificuldades para obter o seu instrumento musical ou terem acesso à alguma inserção na educação musical. Ao ser questionada sobre esta questão, Ilani afirmou: “ão vou dizer que não tivemos acesso, se comparadas a outras pessoas, sim, a gente tinha, éramos classe média. Não era classe média alta, a gente nunca conseguiu fazer uma boa gravação por questão financeira, por exemplo, mas cada uma tinha seu instrumento¹⁵.”

Além disso, ao ser questionada se o racismo era uma questão para ela e outras meninas da banda, Ilani disse que não, pois nenhuma delas se considerava negra: “a

¹⁴ Fonte: <<https://www.palcomp3.com/endo/foto/247912/>> Acesso em 11-04-2019.

¹⁵ Ilani Silva. Entrevista III. [set. 2018]. Entrevistadora: Patrícia Matos de Almeida. Feira de Santana, 2018. 1 arquivo WAV. (23'01”).

questão da cor nunca esteve presente nas nossas discussões porque na banda, não tinha nenhuma negra”¹⁶.

Assim, as dificuldades atravessaram muito mais as questões de construção de gênero pois, a maioria sinalizou ter vivido algum conflito familiar quando decidiu tocar em uma banda de *punk rock*. A única que não apontou para um conflito mais direto com os pais foi Juliete, a baterista. Ao contrário, ela afirmou que estes lhe deram muita força quando decidiu aprender a tocar um instrumento e não mediram esforços para dá-lhe sua primeira bateria. Entretanto, ela e as demais tiveram que lidar com os olhares desconfiados de muitas pessoas presentes nos locais onde que seriam realizados os seus shows. Portanto, a necessidade em reafirmar o desejo em ser instrumentista e as suas qualidades foram uma constante na vida de tais garotas.

Ao entendermos uma das primeiras orientações do movimento feminista que diz que “o pessoal é político”, compreendemos que a luta política destas artistas foi iniciada no ambiente doméstico e se transpôs para outros. Dissemos isto porque elas não reconheceram os discursos que tentaram enquadrá-las em uma pretensa feminilidade, cuja participação em uma banda de rock, não se encaixava em tal projeção. Assim, este adendo nos lembra que:

Os homens tinham história, as mulheres tinham destino. Esse destino heterônomo era ditado pelas normas patriarcais, cuja instituição fundamental para aplicação e controle das mesmas foi a família nuclear moderna. A família tornou-se, portanto, um ponto de conflito estratégico para o feminismo.¹⁷

Dessa forma, é no ambiente familiar onde muitas jovens percebem como as construções de gênero se dão de maneira a limitar o mundo feminino ao doméstico, à suavidade e fragilidade. Características que se distanciavam daquilo que Ilani, Juliete, Gabriela, Amanda e Adriana queriam vivenciar com sua banda de *punk rock/ hardcore*. Através de seus discursos nas canções e no palco, elas tentavam fortalecer a ideia, para outras jovens que lhes assistiam enquanto público, de que aquele lugar – o palco de um show de rock – também deveria ser visto como parte do mundo feminino e, especialmente, um lugar para reivindicar igualdade na música e na sociedade como um todo¹⁸.

¹⁶ Idem.

¹⁷ ÁVILA, Maria Betânia. Feminismo e sujeito político. In: **Mulher e trabalho: encontro entre feminismo e sindicalismo**. SILVA, Carmem; ÁVILA, Maria Betânia; FERREIRA, Verônica (orgs). Recife: SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia; São Paulo: Secretaria Nacional sobre a Mulher Trabalhadora da CUT, 2005, p. 52.

¹⁸ Na minha dissertação, trabalhei com alguns textos do blog alimentado por Ilani no período de constituição da banda. Nele, ela chegou a narrar alguns eventos importantes vivenciados pela Endometriose. Alguns destes, trataram de situações nas quais sofreram machismo por parte do público e tentativas de assédio moral em shows. Era no palco, portanto, onde elas usavam o microfone para rechaçar tais atitudes, bem

“Elas podem”: o feminismo e a canção da banda *Endometriose*

A musicalidade da banda *Endometriose* era identificada como parte do *punk rock hardcore*, como definiram as próprias integrantes. Oliveira (2011) afirma que o *hardcore* é associado ao movimento *punk*, segmento proveniente do rock. É uma musicalidade que se pretende simples e rápida no qual a mensagem é transmitida de forma direta e de maneira acelerada. O autor explica que o *hardcore* é um:

Desdobramento do *punk rock* caracterizado por tempos acelerados, canções curtas (rompendo com o padrão verso-refrão-verso), performance agressiva, vocais estridentes, uso de notas mais pesadas (recorrendo inclusive a outros tipos de afinação dos instrumentos de corda que não o tradicional, em mi) e letras com abertos protestos políticos e sociais, expressão de angústias, frustrações, descontentamentos e revoltas individuais ou coletivas. O desafio de uma música simples e acessível – proposto pelos adeptos do *punk* – foi levado ao extremo com o *hardcore*.¹⁹

Além disso, reforçamos que a principal influência musical e ideológica para o grupo feirense foi a banda paulistana *Dominatrix*, que, como dissemos anteriormente, existe desde 1995 e é considerada a primeira banda *Riot Grrrl* brasileira. Vimos que este movimento foi para além de seu local de origem, Estados Unidos da América, e se espalhou para outras partes do mundo e, no Brasil, foi representado por bandas como a *Dominatrix* e *Bulimia*.

52

Bandas como a paulista *Dominatrix* ou a *Bulimia*, de Brasília, inauguraram este movimento no final dos anos 1990, com o objetivo de levantar a bandeira feminista na cena musical, tanto no que diz respeito a um questionamento da predominância masculina no meio quanto a partir da discussão de temáticas mais amplas como a violência contra a mulher, os direitos reprodutivos e as questões sexuais.²⁰

Tais informações nos ajudam a compreender o discurso incutido na canção a ser analisada aqui uma vez que tais bandas feministas foram inspirações para a musicalidade e debate elaborados pela *Endometriose*. Assim, é possível notar que a leitura que o grupo feirense fazia no período de sua constituição a respeito do feminismo, advinha especialmente da música. Isto demonstra que o feminismo alcançou diversos lugares e

como propor reflexões sobre o machismo estrutural na nossa sociedade. Além de falar diretamente para as garotas presentes sobre a necessidade de elas ocuparem o palco de um show de rock se assim desejassem.

¹⁹ OLIVEIRA, Roberto Camargo de. Do punk ao hardcore: elementos para uma história da música popular no Brasil. **Temporalidades** – Revista Discente do Programa de Pós-graduação em História da UFMG, v. 3 n. 1. Jane. /jul. de 2011, p. 134.

²⁰ CASADEI, Eliza Bachega. O punk não é só para o seu namorado: esfera pública alternativa, processos de identificação e testemunho na cena musical Riot Grrrl. **Música Popular em Revista**: Campinas, ano 1, v. 2, p. 197- 214, jan.-jun. 2013, p. 199.

linguagens, inclusive o rock reafirmando, assim, o fato de que as desigualdades de gênero eram sentidas também nesta musicalidade.

É importante frisar que não enxergamos o rock apenas como um segmento musical, mas como uma expressão cultural onde são refletidas problemáticas que envolvem a sociedade e entre elas, estão as desigualdades de gênero que se fazem presentes em diversos aspectos da vida social. Dessa forma, concordamos com Roberto Oliveira (2015) quando diz que “é necessário pensar os elementos culturais como sendo uma linguagem que constitui igualmente o real, como prática social ativa e formadora da consciência social, e não como reflexo do mundo material, um instrumento pelo qual esse mundo se dá a conhecer”²¹.

Apesar de a Endometriose não ter se autointitulado como uma banda *riot*, as influências desta cultura juvenil são latentes na construção de sua identidade uma vez que sua principal referência se tratava de um grupo que era nomeado como tal. Além disso, percebemos que as inquietações do conjunto feirense estavam em consonância ao que muitas bandas feministas desejavam. Estas, majoritariamente, buscavam relacionar feminismo e rock onde problemáticas pudessem ser trazidas à tona em formato de música e, novamente, acabavam por reconfigurar as noções de feminilidade projetadas nelas:

As riot grrrls adotam um feminismo contundente e exaltado, numa crítica, e ao mesmo tempo uma redefinição, ao que comumente se espera de uma garota: comportada, meiga, frágil. Por sua característica jovem, a educação sexista das famílias e escolas é o alvo principal de suas críticas.²²

A canção a ser analisada aqui se chama *Elas podem*, é assinada por Ilani Silva e está disponível em uma plataforma digital, o “Palco MP3”, muito usada por bandas do período para divulgação de suas canções. Segundo o site, a canção foi executada 2.530 vezes e abaixo da publicação da letra, é possível encontrar sete comentários de pessoas que possivelmente escutaram-na e decidiram posicionar-se sobre a banda e sua música. No geral, as impressões foram positivas e existiram elogios ao discurso contido na canção. Entre os usuários que realizaram tais comentários, estavam mulheres e homens.

Apenas um usuário fez um comentário utilizando códigos que remetem à uma gargalhada cujo sentido parece ter sido a de tentativa de represália ao que foi escutado. Outros dois usuários de nomenclatura masculina elogiaram o trabalho, um chegou a colocar “Olá! Gostei muito da música elas podem. Se quiserem andar na contramão estou

²¹ OLIVEIRA, Roberto Camargos. **Rap e Política: percepções da vida social brasileira**. São Paulo: Boitempo, 2015, p. 141.

²² MELO, Érica Isabel. Riot Grrrl: feminismo na cultura juvenil punk. **Anais eletrônicos**. VII Seminário Fazendo Gênero. UNICAMP – SP. 2006. Disponível em <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/E/Erica_Melo_Riot_01.pdf> Acesso em 12/04/2019, p. 2.

dando o maior apoio. Domingo estaremos fazendo um som no parque da cidade fsa [Feira de Santana]. Abração” (sic)²³. Infelizmente, apenas através dos comentários contidos nesta rede social, não é possível aprofundar sobre os sujeitos que escutaram esta canção da Endometriose. Mas estas publicações nos sinalizam para aspectos relacionados à recepção. Araújo e Oliveira (2014) nos lembram que:

Ao abordar a cultura digital, automaticamente, pensamos no uso das novas tecnologias para produzir e disseminar bens culturais. Nesse sentido, na música observamos como o estar online reconfigura toda uma forma de negociação, que vai desde alternativas de lidar com a propriedade intelectual, passando pela criação de novos hábitos de consumo do público e, finalmente, a transformação dos ouvintes em agentes participativos, possibilitando assim uma maior interação.²⁴

Dessa forma, é comum que em tais plataformas, haja a interação do público com seu artista em uma experiência que permite a escuta, a leitura visual e o espaço para comentários sobre tal trabalho. Vejamos então, a letra da canção:

Homem quando quer/ Fica com quem quer/ Já eu.../ não posso mais ficar/ A cota eu não posso ultrapassar/ Sou mulher, e daí?/ Diferente de mim/ Você não é não/ Faço o que quero/ E quero andar na contramão/ Homem quando quer/ Fica com quem quer/ Já eu.../ não posso mais ficar/ A cota eu não posso, ultrapassar!!/ Na rua eu não posso mais andar/ Passei sem camisa/ Começaram a assoviar/ Por que você pode e eu não?/ Luto pela igualdade/ E não abro mão.²⁵

54

De antemão, é preciso afirmar que esta canção é cantada de maneira gritada em volume alto e, as duas exclamações em um dos versos, ilustram tal atitude buscada nesta musicalidade. A sua execução possui um minuto e cinquenta e sete segundos e sua vocalização é elaborada de maneira apressada de quem parecia ter pressa em afirmar tais frases. De fato, tais características são parte das músicas identificadas como *hardcore*. Entretanto, a escolha por este estilo diz muito das intencionalidades do grupo ao propor esta canção da maneira como foi gravada e cantada, ao que parece, a ideia era expressar-se de maneira direta. Além disso, observemos que os versos foram construídos com rimas nas quais afirmações que são expressadas por meio de uma linguagem quase que falada, semelhante ao que ocorre no *Rap*, por exemplo.

Na composição, Ilani que era a mais velha do grupo e estava encerrando o Ensino Médio do colegial no período de fundação da banda, se colocou em primeira pessoa do

²³ Reações como estas nos lembram que as relações de gênero são elaboradas de maneiras complexas uma vez que, ainda que a banda tenha sofrido situações de machismo e represálias por parte de homens ao longo de sua trajetória, também recebeu apoio de um contingente identificado como parte do gênero masculino.

²⁴ ARAÚJO, Leonardo Trindade; OLIVEIRA, Cristiano Nascimento. Música em fluxo: experiências de consumo musical em serviços de streaming. **Temática**. Ano X, n. 10 - outubro/2014 - NAMID/UFPB - <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica>, p. 128.

²⁵ Ilani Silva. Disponível em: <<https://www.palcomp3.com/endo/>>. Acesso em 02-08-18.

singular na sua composição. Ela se auto definiu como mulher pois era como, possivelmente, se enxergava neste processo de sua juventude, ainda que outras integrantes se encontrassem na fase reconhecida como adolescência, no período em questão. Apesar de ser uma escrita de si, a autora trouxe uma dimensão coletiva pois abordou situações e questões que são caras para todas as mulheres, ou pelo menos, para a maioria. Até porque a escrita é “como uma linha de fuga diante do poder e como meio de abertura para o outro”²⁶.

Ilani disse que recebeu uma educação muito rígida, principalmente, de seu pai cuja normatização transcendeu o espaço do lar e ressoou nos locais públicos quando se deparou com olhares invasivos de pessoas que reforçavam, a todo tempo, os papéis reservados às mulheres na sociedade. Ao rememorar sobre o que quis dizer na canção, ela colocou:

Em “Elas podem”... Ah! A gente quer ter a nossa liberdade de sair e de ficar com a gente quer e as pessoas julgam muito. Na minha época²⁷, eu passei por situações desse tipo, de ficar com um menino e depois ficar com outro e alguém vim e me chamar “oh fulaninha já ficou com esse, já ficou com aquele...”, já não é aquela mocinha”. Então, eu passei por situações desse tipo e tive vontade de colocar na letra porque eu acho que não é uma situação que acontece só comigo, acontece com outras pessoas também, com outras meninas, então a gente tem que combater isso. Não pode ser assim.²⁸

A autora da canção aborda a violência simbólica ao revelar as consequências do julgamento moral quando a mulher resolve viver suas relações amorosas como lhe aprouver. Ela também aponta para a violência física quando diz que, esta, é revelada no assédio sofrido pelas mulheres que se veem impossibilitadas de experimentar e mostrar o seu corpo no espaço público pois com tal exposição, ficam a mercê dos olhares e gestos invasivos e violentos de muitos homens. Tal cenário é reflexo de uma dominação masculina que reforça relações de poder no qual as mulheres, como um todo, se veem prejudicadas. Miguel (2014) reforça dizendo que:

Numa sociedade estruturada pela dominação masculina, a posição das mulheres não é apenas “diferente” da dos homens. É uma posição marcada pela subalternidade. Mulheres possuem menos acesso às posições de poder e de controle dos bens materiais. Estão mais sujeitas à violência e à humilhação. O feminino transita na sociedade como inferior, frágil, pouco racional; é o “outro” do universal masculino, como a reflexão feminista aponta desde Simone de Beauvoir. A ruptura com esse estatuto subalterno exige a revisão dos privilégios masculinos.²⁹

²⁶ RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013, p. 265.

²⁷ Ilani Silva se referiu ao período de sua adolescência, possivelmente.

²⁸ Ilani Silva. Entrevista II. [dez. 2017]. Entrevistadora: Patrícia Matos de Almeida. Feira de Santana, 2017. 1 arquivo MOV. (36’58”).

²⁹ MIGUEL, Luis Felipe. Gênero e representação política. // **Feminismo e Política: uma introdução**. BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe (orgs.). São Paulo: Boitempo, 2014, p. 102.

Ademais, a música claramente clama pela liberdade do corpo feminino, pauta já desenvolvida desde a chamada segunda onda do movimento feminista quando as mulheres intensificaram as discussões voltadas para sexualidade e corpo. Foi nesse período, a partir da década de 1960, que foram inaugurados grupos de reflexão ou conscientização nos quais as mulheres buscaram falar de assuntos que envolviam suas vidas: relação com o marido e casamento, relação com o pai, sexualidade, constrangimentos, entre outros. Eram questões que se voltavam principalmente para o plano pessoal e privado onde, a partir da metodologia da “linha de vida”, cada uma contava a sua história no sentido de compreender aquilo que as incomodava na relação desigual de gênero³⁰.

A canção aponta também para uma noção de empoderamento, ainda que este termo não tivesse aparecido no seu discurso de maneira direta. Apesar disso, Ilani questiona as relações de poder vigentes na sociedade nas quais as mulheres se veem em situação de subalternidade com relação aos homens. Ao abordar esta questão, ela clama pela reflexão a respeito desta desigualdade e reivindica poder para as mulheres, como indica o próprio título da canção.

Sardenberg (2018) informa sobre a necessidade em falarmos acerca de um poder habilitador que consiste em ausentar a noção de um “poder sobre”, para clamar a noção de um “poder para”. Esta segunda noção possibilitaria que as mulheres se fortalecessem de maneira coletiva e no aspecto pessoal político. Ela completa dizendo que:

Precisamos conceituar o poder a partir da perspectiva das mulheres; precisamos de uma teoria do poder para as mulheres. Ao fazê-lo, precisamos ver o poder como ‘capacidade ou habilidade’, especificamente, a capacidade de transformar a nós mesmas e o mundo que nos cerca.³¹

Jacimile Martins, estudante de Letras da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), nascida no ano de 1990, acompanhou muitos dos shows da banda a partir do ano de 2007 e disse que era importante ouvir as mensagens proferidas pelas canções compostas por Ilani. Falou que, apesar de o termo empoderamento não ter sido usual na época, ouvir nos shows que “elas podiam” e cantar junto com a banda faziam parte de um processo que as fortalecia.

Ela afirmou que a Endometriose tinha uma espécie de fã clube pois construiu um público com certo número de meninas que sempre iam ver suas apresentações onde Jacimile estava inserida também. É possível notar, a seguir, uma imagem de Jacimile

³⁰ PEDRO, Joana. O feminismo de “segunda onda”: corpo, prazer e trabalho. *In: Nova História das Mulheres no Brasil*. PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana (orgs.). 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

³¹ SARDENBERG, Cecília M. B. O pessoal é político: conscientização feminista e empoderamento de mulheres. *Inc. Soc.*, Brasília, DF, v. 11; n. 2, p. 15-29, jan./ jun. 2018, p. 20.

abraçada com Ilani na qual é possível notar que, de fato, havia muito afeto na relação entre fã e artista:

Imagem 3



Da esquerda pra direita: Ilani e Jacimile³².

A entrevistada, ao ser perguntada sobre a canção que mais gostava da banda, explicou:

Eu lembro que gostava muito de “Elas Podem”, a coisa de sentir que a gente podia fazer aquilo... Era muito bom estar em um show que fazia você se sentir empoderada, era a questão de sentir que a gente também tinha nosso lugar, eram músicas que faziam a gente pensar “olha, eu também posso”, “eu vou falar também sobre isso”. Fazia a gente perceber que a gente tinha um local de fala, que a gente podia lutar pelo que queria, que podíamos dizer não. Era música que fazia a gente realmente se conscientizar.³³

Quando analisamos outras canções da Endometriose na nossa dissertação, tais como “Apologia Feminista” ou “Pílula Amiga”, notamos que a maior parte das questões levantadas por Ilani trataram da realidade de jovens que queriam explorar a liberdade sexual e abordaram problemáticas que, historicamente, foram discutidas por um feminismo considerado branco e de classe média.

Como já afirmamos anteriormente e como as imagens expuseram, a banda Endometriose foi composta por garotas que se reconheciam como brancas e que, também, tiveram acessos que, em uma sociedade absurdamente desigual como é o Brasil, se confundem como privilégios. Entretanto, ter acessos que levem a aproximação com a arte deveria ser direito básico em qualquer sociedade, e não um privilégio.

³² Fonte: arquivo pessoal de Jacimile Martins, gentilmente cedida para esta pesquisa.

³³ Jacimile Martins. Entrevista 1. [set. 2018]. Entrevistadora: Patrícia Matos de Almeida. Feira de Santana, 2018. 1 arquivo MVI. (35'46”).

Estes recortes sociais e de raça são importantes de serem colocados para que seja quebrada a noção de um sujeito universal dentro do feminismo. Assim, tentamos trabalhar em nossa pesquisa, com a noção de interseccionalidade que tenta enxergar os estudos de gênero através da relação entre os recortes de raça, classe e geração. Evidente que encontramos limitações posto que o nosso foco é uma banda, portanto, um coletivo cuja análises individualizantes se mostram, por vezes, complicadas.

Mas entendemos ser importante compreender sobre qual lugar nossos sujeitos falam porque “o não reconhecimento de que partimos de lugares diferentes, posto que experienciamos gênero de modo diferente, leva a legitimação de um discurso excludente, pois não visibiliza outras formas de ser mulher no mundo”³⁴.

Assim, as mulheres vivenciam a questão da dominação masculina de maneira diferente. Entretanto, apesar de tal dominação, a resistência feminina é construída por complexos contra poderes como apontou Soihet (1997)³⁵. O desejo e a busca por andar na contramão é presente na vida de muitas mulheres e foram perseguidos pelas meninas mulheres da banda Endometriose.

Estas, que mesmo com a pouca idade, já gritavam em sua juventude, no auge da sua energia, a ânsia por liberdade de escolha ainda que isto lhes rendessem conflitos familiares e sociais. Não sabemos se, de fato, elas faziam o que queriam como apontaram na letra, mas certamente fizeram o que ainda é visto como incomum para muitas mulheres na sociedade: tocar em uma banda de *punk rock*, com melodias identificadas como *hard core*, com letras de cunha feminista em uma cidade do interior da Bahia.

Considerações Finais

Neste texto, buscamos refletir sobre como o movimento feminista se expandiu ao longo do século XX por meio do alcance de diversas linguagens que denunciaram as desigualdades de gênero em muitos espaços, inclusive, no rock, especificamente, no *punk rock* por meio do movimento norte-americano *Riot Grrrl*. Assim, a banda do interior da Bahia, Endometriose, é fruto de um processo de expansão dos feminismos, sim, no plural, haja vista que tal movimento ganhou formatos que foram para além do mundo acadêmico ou coletivos de militância tradicionais. Alcançou jovens que tentaram

³⁴ RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Letramento: Justificando, 2017, p. 53.

³⁵ SOIHET, Rachel. História, mulheres e gênero: contribuições para um debate. *In: Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. AGUIAR, Neuma (org.). Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 1997.

conquistar a autonomia e direitos das mulheres através de acordes e melodias gritadas, próprios do *hardcore*.

Ademais, pretendemos por meio do pequeno exercício de reflexão de uma das canções da Endometriose, perceber as possibilidades da música enquanto documento historiográfico. Com relação a esta questão, reconhecemos a música como produtora de sentidos que se revelam não apenas na letra em si, mas na própria musicalidade e maneira como foi tocada e cantada. Desta forma, acreditamos que ainda que a composição acima se mostre simples, em um primeiro olhar, lembremos que ela foi escrita por uma pessoa que era muito jovem e, mesmo com tão pouca idade, já tinha a necessidade de gritar com outras companheiras, a liberdade de fazer e andar onde quisesse.

Assim, não somente a letra diz sobre as intenções desta canção, mas a forma como a voz foi posta, bem como os seus instrumentos. Certamente, Ilani, Juliete, Gabriela, Adriana e Amanda, ao comporem um grupo roqueiro feminista em uma cidade do interior da Bahia, andaram na contramão daquilo que era esperado como comportamento feminino.